



JOÃO FELPUDO.

Historias alegres

para crianças travessas  
com pinturas exquisitas.

Os meninos devem todos,  
Para serem bonitinhos,  
Ter sempre muito bons modos,  
E ser bem comportadinhos.  
Só assim Deos lhes dará  
Muitos brinquedos bonitos,  
Fructas, doces, café, chá,  
Vaquinhas e periquitos.  
E ha de leval-os Maman  
A passeiar de manhan.



Rio de Janeiro



21.337  
1942 (1)

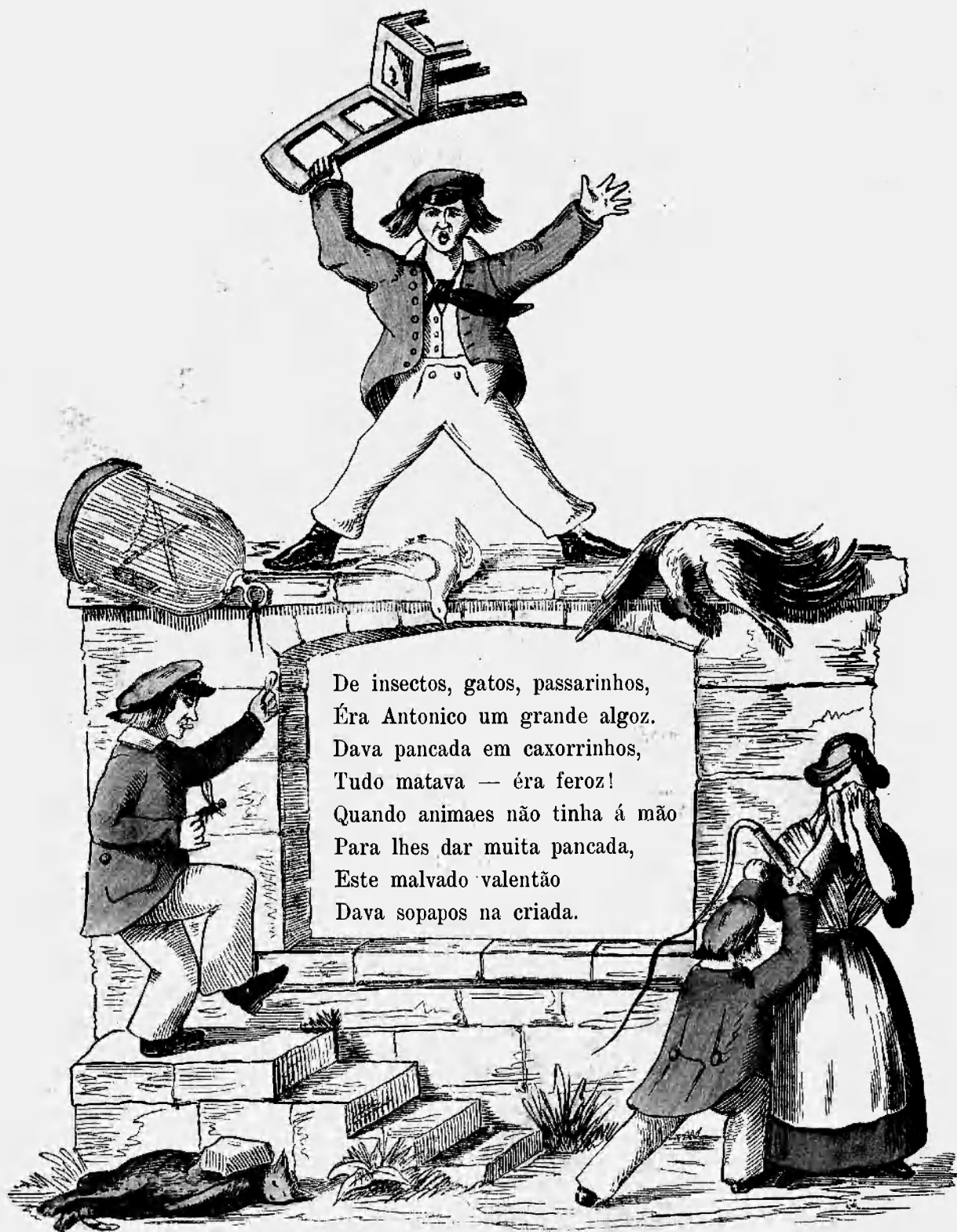
Livraria Francisco Alves

## João Felpudo.

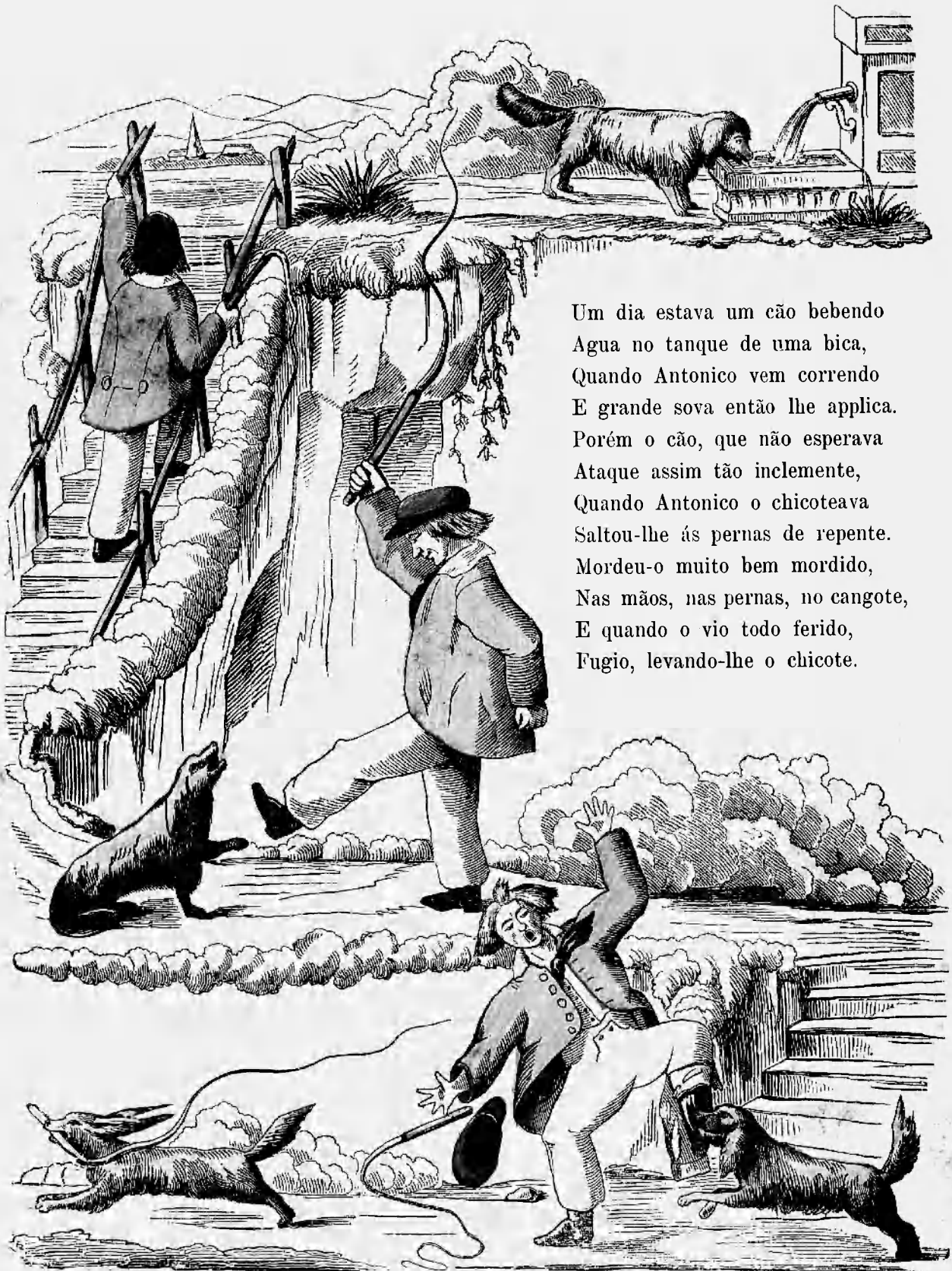


Eis o malandro João Felpudo,  
Que nunca o seu cabelo corta.  
Vêde que monstro guedelhudo,  
Que de andar sujo não se importa!  
Vêde-lhe as unhas, indecentes.  
Nem o gavião assim as tem.  
A taes crianças repellentes  
Ninguém no mundo lhes quer bem.

## Historia de Antonico Verdugo.



## Historia de Antonico Verdugo.



Um dia estava um cão bebendo  
Agua no tanque de uma bica,  
Quando Antonico vem correndo  
E grande sova então lhe applica.  
Porém o cão, que não esperava  
Ataque assim tão inclemente,  
Quando Antonico o chicoteava  
Saltou-lhe ás pernas de repente.  
Mordeu-o muito bem mordido,  
Nas mãos, nas pernas, no cangote,  
E quando o vio todo ferido,  
Fugio, levando-lhe o chicote.

## Historia de Antonico Verdugo.



Pobre Antonico! Então foi castigado.  
Pois, além de soffrer o ardor da arnica,  
Tomou, por um doutor aconselhado,  
Os peiores remedios da botica.

Em quanto o cão, feliz, indifferente,  
Ia comendo o almoço de Antonico:  
Bons bifes, bons pasteis, o bolo rico,  
Petisqueiras das finas em bom lote,  
Trazendo juncto a si constantemente  
De Antonico o chicote!



## Rosinha e o phosphoro.



Sahira João Raymundo  
Co'a esposa D. Modesta;  
Foram assistir á festa  
E resar a ladainha.  
Deixaram ficar em casa,  
P'ra lhes não darem maus tractos,  
Em companhia dos gatos  
A sua filha Rosinha.

Rosinha por muito tempo  
Brincou co'a sua boneca,  
Vestio-a, fêl-a *peteca*,  
Porém afinal cançou-se.  
Vendo uma caixa de phosphoros  
Sobre a commoda da alcova,  
Teve uma alegria nova  
E uma illusão muito doce.

Disseram-lhe os dois gatinhos  
Que não pegasse naquillo;  
Que o pae sahira tranquillo  
Porque este conselho deu.  
Mas Rosinha, não querendo  
Ouvir o conselho brando  
Que os gatos lhe estavam dando  
Um dos phosph'ros accendeu.

„Ah! menina sem juizo!“  
Que fizeste, desgraçada?“  
„Ficarás toda queimada!“  
— Diziam-lhe condoídos  
Os pobres gatos cuidados.  
Porém Rosinha, imprudente,  
Deixou pegar de repente  
O fogo nos seus vestidos!



## Rosinha e o phosphoro.



De uma pequenina chamma  
As labaredas se ergueram,  
Pelo corpo se estenderam,  
Queimando o proprio cabello!  
Rosinha, em dôres atrozes,  
Por toda a casa corria,  
E mais o fogo crescia,  
Nada podendo contêl-o!

Rosinha doida gritava,  
Berravam os dois gatinhos,  
Lembrando-se dos carinhos,  
Da sua Rosinha amada.  
D'ali a pouco a criança,  
Sem mais remedio, perdida,  
Cabia no chão sem vida!  
Morria toda queimada!

Tudo a cinzas reduzido  
Viram os pobres gatinhos:  
Tudo! Só os sapatinhos  
Não se queimaram no emtanto.  
Nas caudas atando o luto,  
Por muito tempo os dois gatos  
Em torno dos dois sapatos  
Choraram rios de pranto.

## Historia do negrinho.



Num jardim, da casa perto,  
Foi passear um negrinho,  
Muito preto e engraçadinho,  
Com seu guarda-sol aberto.

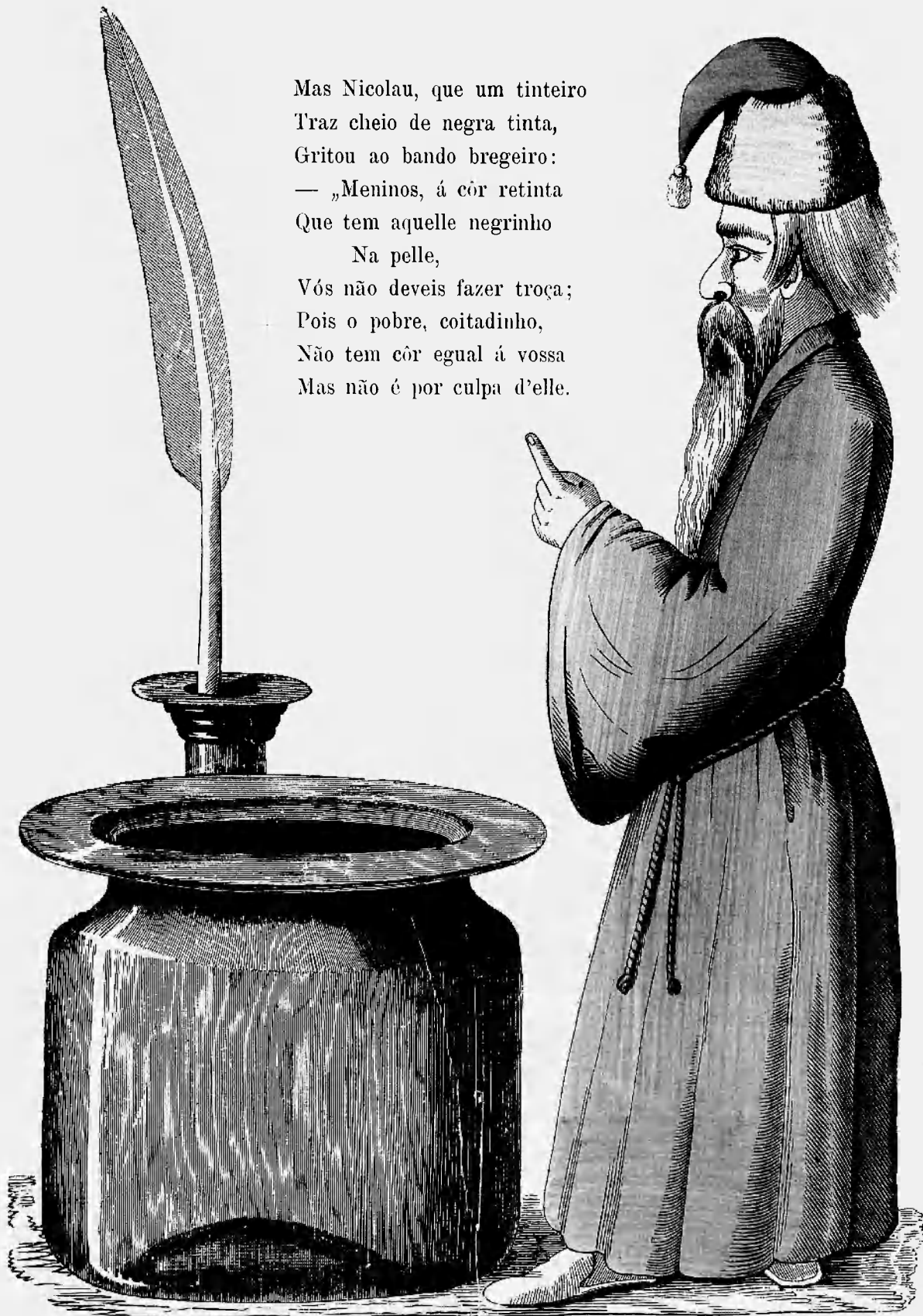
Deu com elle a criançada,  
E logo ali tres meninos,  
Malcriados e mofinos,  
Sem educação, sem nada;

João, Martins e Roberto,  
Gritavam com voz irosa:  
— „Dia de sol, e este prosa“  
„Traz o guarda-chuva aberto!“



## Historia do negrinho.

Mas Nicolau, que um tinteiro  
Traz cheio de negra tinta,  
Gritou ao bando bregeiro:  
— „Meninos, á côr retinta  
Que tem aquelle negrinho  
Na pelle,  
Vós não deveis fazer troça;  
Pois o pobre, coitadinho,  
Não tem côr igual á vossa  
Mas não é por culpa d'elle.



## Historia do negrinho.

Começaram os meninos  
A dar-lhe uma grande vaia,  
Em gritos, em desatinos:  
— „Olhem o velho de saia!“  
Gritavam os valdevinos.

Mas Nicolau, nem ao menos  
Disse uma palavra. Zás!  
Voltou-se logo p'ra traz  
E agarrou nos tres pequenos.  
Com modos muito serenos  
E tudo muito ligeiro . . . .  
Mergulhou-os no tinteiro!





E aqui vae o bom negrinho,  
Muito limpo e bonitinho,  
Direito como um espeto.  
E os tres que o apuparam  
Depois do banho ficaram  
Muito mais pretos que o preto.

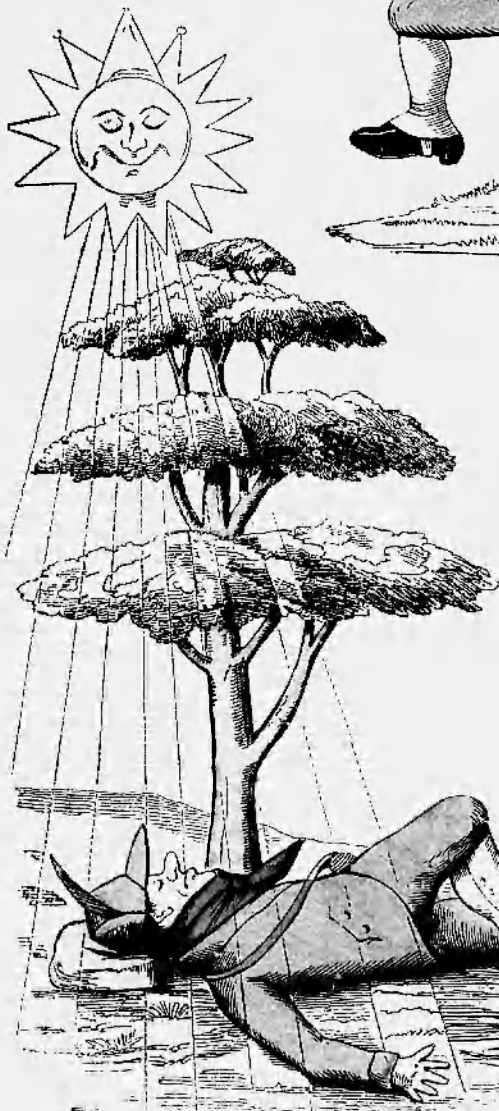
Historia do negrinho.

## O caçador e o coelho.

Um caçador pimpão, pimpão e velho,  
Tendo na roça farejado um coelho,  
Foi procural-o, p'ra trazer-lhe a pelle,  
Com uma espingarda inda maior do que elle.

Mas este coelho da roça  
Era fino . . . como um coelho:

E entre as plantas, vendo o velho,  
Logo lhe fez grande troça.



Havia um sol de rachar,  
E, de uma arvore á sombra,  
Deitou-se o velho na alfombra  
E pegou e resonar.  
Não tendo medo a batalhas,  
Foi devagarinho o coelho  
E furtou ao bom do velho  
O arcabuz e as *cangalhas!*



## O caçador e o coelho.

Estas pôl-as no focinho,  
E, como não se acobarda,  
Pôz-se a apontar a espingarda  
Para o pobre do velhinho.  
Este acordou de repente,  
E, temendo a morte a fogo,  
Levantou-se in-continenti  
E deu ás de Villa-Diogo.



## O caçador e o coelho.

Correndo, sempre a fugir,  
Como já não éra moço,  
Tropeçou e foi cair  
Perto de casa n'um poço!

A mulher do caçador  
Sem de nada dar por fé,  
Estava a tomar café  
A' janella. Mas, que horror!



O coelho, que éra da bréca,  
A espingarda disparou,  
E a bala despedaçou  
Da pobre velha a caneca!

O café foi entornado  
Sobre um filhote do coelho...  
Este fez cair o velho  
Mas vio seu filho escaldado!



## Joãosinho chupa-dedo.



Tinha um costume Joãosinho  
Que eu digo aqui em segredo:  
Éra passar noite e dia,  
(Que porco! a chupar o dedo.

Tendo a Maman de sahir  
A' rua, pôz sua touca,  
E disse ao filho: — „Joãosinho,“  
„Não metta o dedo na bocca.“



„Se o meu filho fizer isso,“  
„Vem o alfaiate, que móra“  
„Por baixo de nós, na loja,“  
„E corta-lhe o dedo fóra!“

João prometeu que sim,  
Mas, como não tinha medo,  
Apenas Maman sahio  
Pôz-se elle a chupar o dedo.

## Joãosinho chupa-dedo.



O alfaiate, co'a tezoura,  
Foi espial-o sem demora ;  
Entrou repentinamente,  
Cortou-lhe dois dedos fóra!

Vêde esta lição, meninos.  
João não quiz mais brinquedos :  
Pois p'ra perder um costume  
Teve de perder dois dedos!



## O Gaspar e a sôpa.



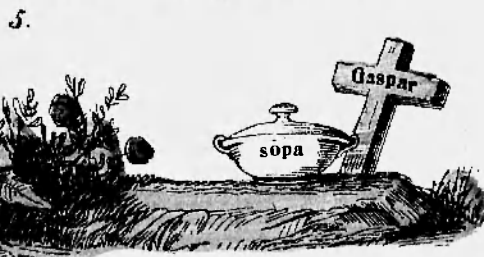
O Gaspar sempre comia  
Da sôpa que vinha á meza,  
E engordava, com certeza,  
Pois bem se via engordar.  
Mas um dia, por teimoso,  
Não quiz mais sôpa, o birrento,  
Gritou que foi um tormento,  
Teimou, tornou a teimar!

— „Nada de sôpa!“ dizia  
Inda no segundo dia.  
Começou a emmagrecer;  
E sendo muito birrento,  
Teimoso como um jumento,  
Não quiz mais sôpa comer!

Mais magro ao terceiro dia  
Estava o nosso Gaspar;  
Mas da sôpa não comia,  
E continuou a teimar!

No quarto dia ficou  
Como um espeto! coitadito.  
E no quinto se enterrou  
Tão magro como um palito!

Vêde aqui que horror se estampa!  
Um teimoso Deos não poupa.  
Puzeram-lhe sobre a campa  
Uma terrina de sôpa!



## Gustavo da cadeira.



Tinha mestre Gustavo um mau costume:  
Inclinar para traz sua cadeira  
A' meza, e, muito embora os paes ralhassem,  
Fazia sempre a mesma brincadeira.

Certa vez o pae disse-lhe: — „Gustavo,  
Queira Deos que algum mal não te aconteça;  
Fica direito á meza; do contrario  
Um dia caes e quebras a cabeça.“

A'voz do pae, prudentissima,  
Não quiz Gustavo attender,  
E aquelle péssimo habito  
Continuou sempre a ter.

## Gustavo da cadeira.



Um dia a sua cadeira  
Tanto p'ra traz inclinou,  
Que o equilibrio perdendo  
Ella com elle tombou!

Ao cahir puxou comsigo  
A toalha — Éra da pelle! —  
E entornou-se o jantar todo,  
Mas todo! por cima d'elle.

Foi-se a terrina da sôpa,  
Foi-se a travessa do assado;  
Pratos, garrafas e copos,  
Foi tudo despedaçado!

## Gustavo da cadeira.



Berra o pae, grita a Maman,  
(Quem é que não gritaria? —)  
Ao ver que o filho ficára  
Por baixo da cacaria!

Como numa sepultura  
Teve o filho por mortalha,  
Suja de vinho e gordura  
Da meza a branca toalha.

Levantaram-n'o do chão,  
Arranhado, ensanguentado;  
Mas foi bem bóa a lição,  
Para não ser malcriado!

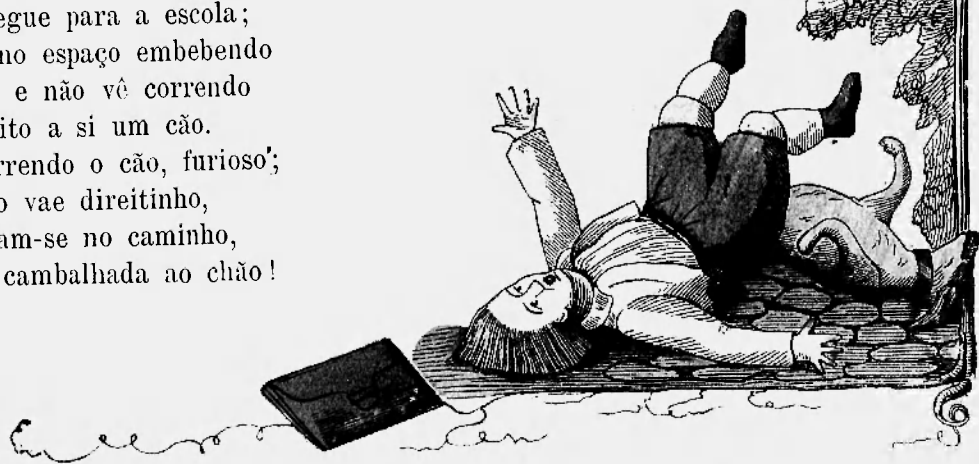


## Simplicio olha-p'ra o ar.



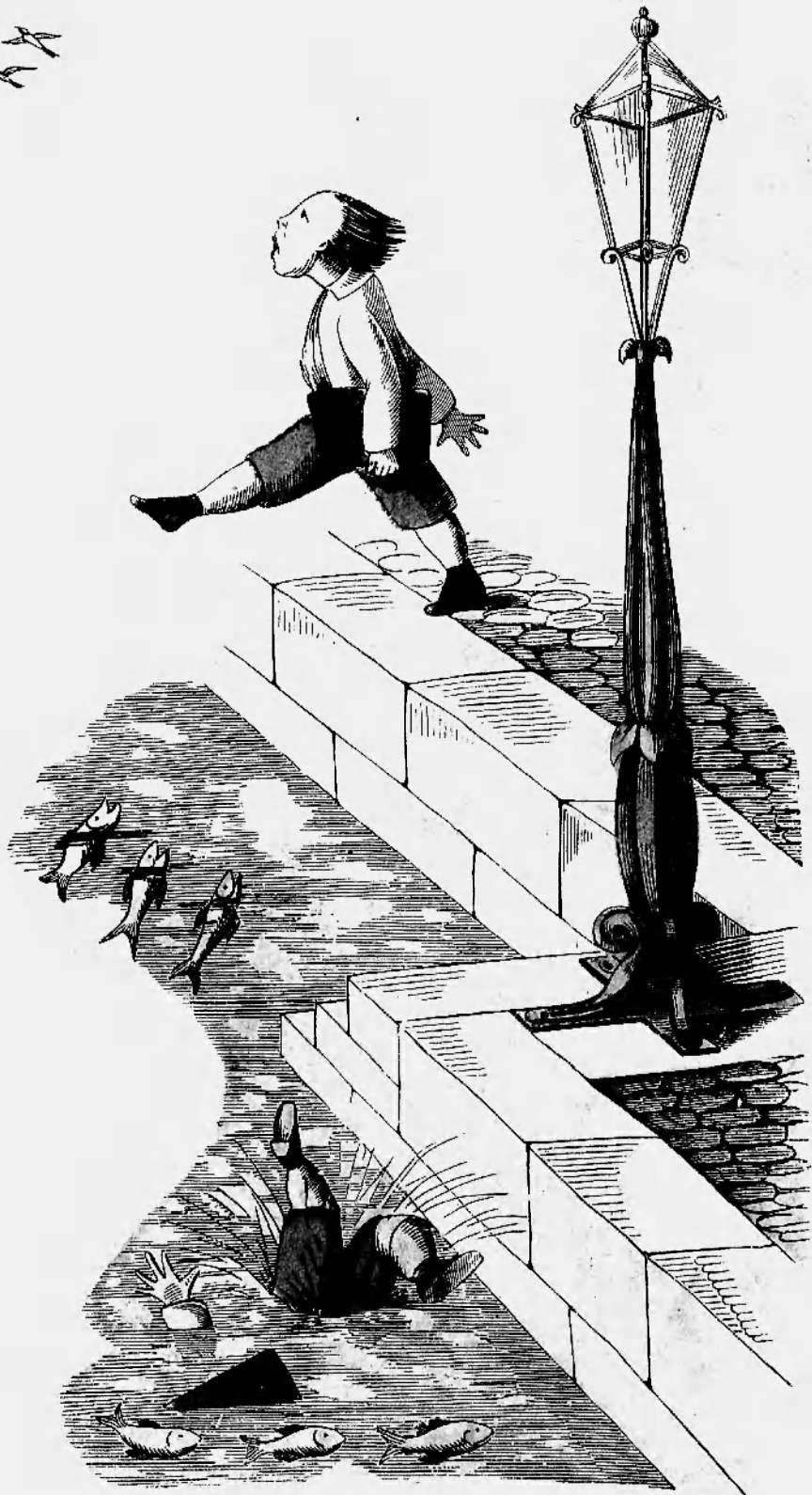
Simplicio era muito tolo,  
Muito bobinho, coitado!  
Sempre andava descuidado,  
Tropeçava sem cessar;  
Quebrava o nariz às vezes,  
E ninguém acreditava,  
Porque o desgraçado andava  
Sempre de nariz p'ra o ar!

Eil-o; segue para a escola;  
Lá vae no espaço embebendo  
O olhar, e não vê correndo  
Vir direito a si um cão.  
Vem correndo o cão, furioso;  
Simplicio vae direitinho,  
Encontram-se no caminho,  
Vão de cambalhada ao chão!



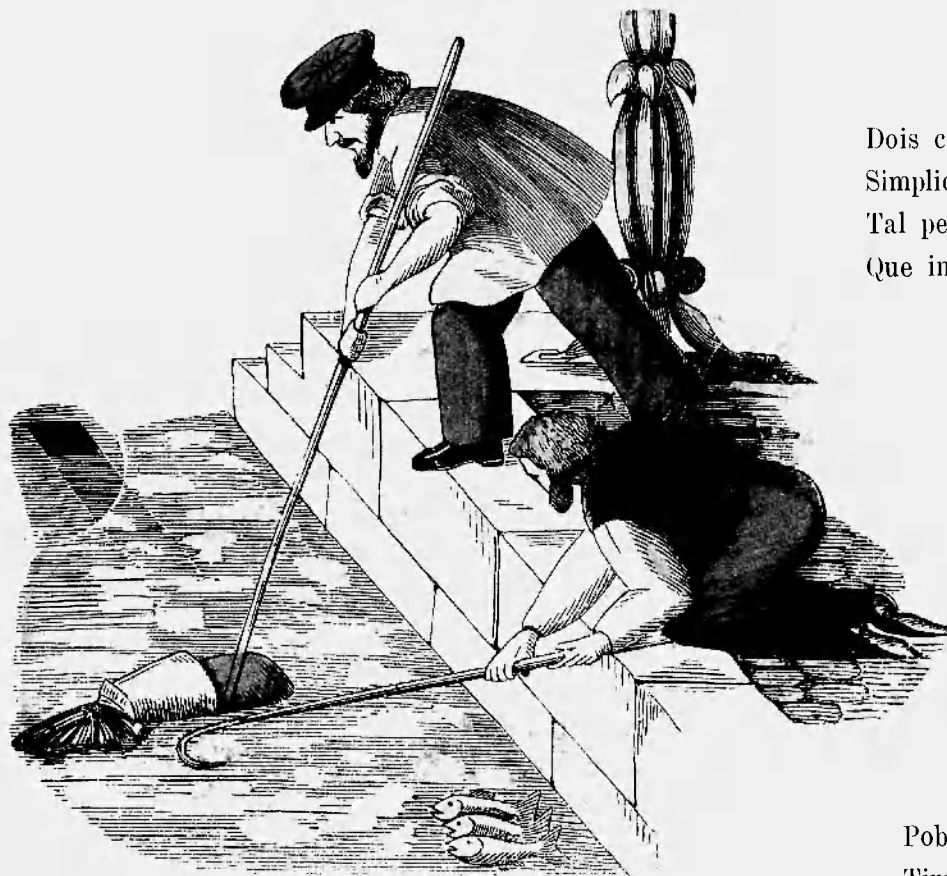
## Simplicio olha-p'ra o ar.

Levantou-se machucado,  
Foi seguindo o seu caminho,  
Mas sempre com o narizinho,  
Sempre! voltado p'ra o ar!  
Chegado ao cáes das Marinhas,  
Vendo as gaivotas voando,  
Foi andando, foi andando . . .  
Zut! zás! cahio no mar!

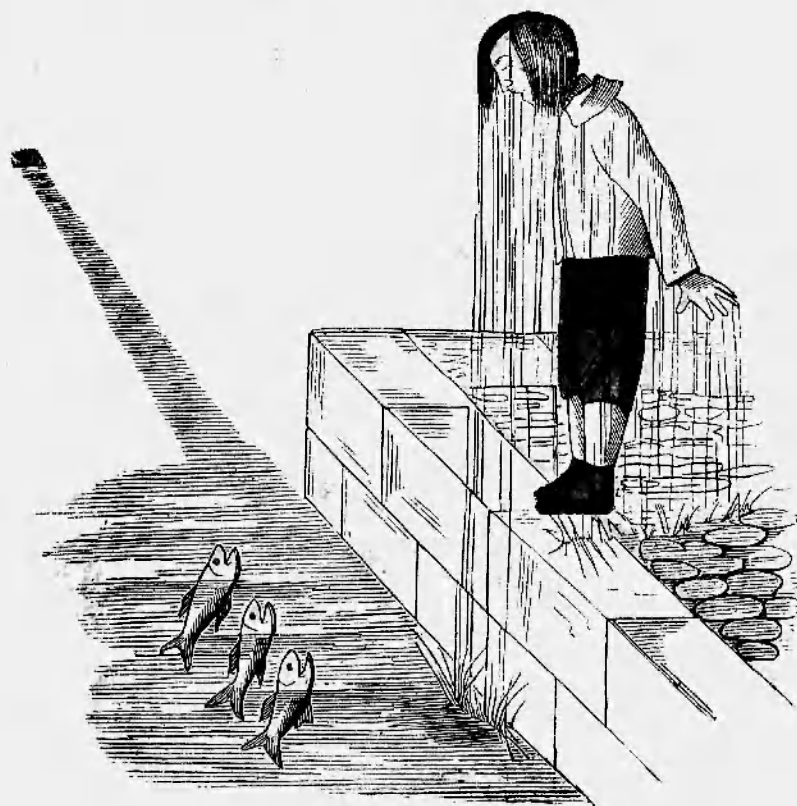


Pobre Simplicio! Telhudo!  
Tombou elle, pasta e tudo!  
Tres peixes, vendo-o tombar,  
Foram-se embora, a correr,  
Muito espantados por ver  
Tamanho peixe no mar!

## Simplicio olha-p'ra o ar.



Dois catraieiros que viram  
Simplicio cahir no mar,  
Tal pena d'elle sentiram,  
Que inda o poderam salvar.



Pobres homens! Com que magua  
Tiraram Simplicio d'agua!  
Eil-o aqui todo molhado,  
Ensapado como um pinto,  
Elle, que, tendo cuidado,  
Podia ser tão distincto!

Foi-se a pasta na corrente,  
E o peixe ficou contente.  
Simplicio, cahindo ao mar,  
Fez jura que foi cumprida:  
Jurou nunca mais na vida  
Trazer o nariz p'ra o ar.



## Roberto voador.



1) Tendo um guarda-chuva novo,  
Em dia de chuva e vento  
Quiz Roberto, pachorrento,  
Ir á rua passear.  
Vejam só que tolo! Quando  
Se recolhe todo o povo,  
Só porque tem chapéu novo  
Roberto quer vadiar!

2) Sahio; mas o vento é forte,  
Impelle o nosso Roberto,  
Que já vae a passo incerto  
Com o guarda-chuva na mão.  
Agora o vento é tufão;  
Ouve-se o bramir dos mares,  
E o vento arrebatá aos ares  
Roberto, como em balão!  
Vae perto do azul do céu,  
Sempre agarrado ao chapéu.



3) Teimoso! o teu fim é certo.  
Coitado! Pobre Roberto!  
Ninguém nunca mais o vio;  
Lá se foi por esses ares!  
Se em terra foi, se nos mares,  
Não se sabe onde cahio!

